

AMBIGÜIDADES DA LÍNGUA PORTUGUESA E O SUJEITO SURDO

FARIAS, Mayla Eloize de – UTP¹
maylafarias@hotmail.com

Área Temática: Formação de Professores - Diversidade e Inclusão
Agência Financiadora: Não contou com financiamento

Resumo

O presente trabalho visa a apresentar os resultados qualitativos, decorrentes da pesquisa realizada com sujeitos surdos que possuem o domínio da modalidade escrita do Português, evidenciando o fenômeno semântico referente às relações de ambigüidade de significado das palavras ou sentenças existentes na língua portuguesa. Por meio de exemplos retirados de textos de base argumentativa: o jornal “Gazeta do Povo” e a revista “Recreio” pretende-se constatar a ocorrência do fenômeno da ambigüidade nas tiras e manchetes da mídia escrita direcionados a diferentes tipos de leitores (adultos e crianças), além das conseqüências em relação à interpretação de seus interlocutores (ouvintes e surdos), já que o leitor espera absoluto entendimento acerca das informações aludidas pelo escritor. Dar-se-á ênfase a dois tipos de ambigüidade: a lexical e a semântica. Para direcionar o trabalho buscou-se as reflexões teóricas de alguns estudiosos que se preocuparam em entender e explicar como uma língua natural é adquirida por um ser humano bem como defini-la. Não obstante, é relevante constatar além dos estudos de pesquisas lingüísticas acerca de línguas naturais de modalidade oral-auditivas, como também o estudo das línguas naturais de modalidade visuo-espacial. O uso de sinais pelo indivíduo surdo facilita a sua comunicação e enriquece suas trocas com o meio, ampliando seus conhecimentos. Com a linguagem, o sujeito dá significação as suas ações. Pelo fato de não possuírem um conhecimento de mundo amplo, muitas vezes, o fenômeno da ambigüidade presente na língua portuguesa não é percebido e conseqüentemente compreendido por surdos. Por isso, se faz necessário o conhecimento, mesmo que superficial, da modalidade (leitura e escrita) da língua vigorante – o Português. Assim sendo, este estudo busca auxiliar professores de língua portuguesa no aperfeiçoamento de sua prática docente, principalmente no que diz respeito ao processo de aprendizagem da leitura e da escrita de seus alunos, tanto ouvintes como surdos.

Palavras-chave: Língua natural; Surdez; Ambigüidade lexical e semântica; Critérios semânticos.

Introdução

O presente trabalho visa a apresentar os resultados qualitativos, decorrentes da pesquisa realizada com sujeitos surdos, evidenciando o fenômeno semântico referente às relações de ambigüidade de significado das palavras ou sentenças existentes na língua

¹ Licenciada ao Magistério. Graduada em Letras Português – Inglês pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Pós-graduada em LIBRAS pela Universidade Tuiuti do Paraná (UTP). Atua como professora de Ensino Superior no Centro de Pesquisas e Estudos Jurídicos (CEPEJUR) em São José dos Pinhais – Paraná.

portuguesa. Por meio de exemplos retirados de textos de base argumentativa: o jornal “Gazeta do Povo” e a revista “Recreio” pretende-se constatar a ocorrência do fenômeno da ambigüidade nas tiras e manchetes da mídia escrita. Dar-se-á ênfase a somente dois tipos de ambigüidade: a lexical e a semântica.

Este estudo justifica-se devido à possibilidade de comprovação da existência do fenômeno da ambigüidade em textos direcionados a diferentes tipos de leitores (adultos e crianças), além das conseqüências em relação à interpretação de seus interlocutores (ouvintes e surdos), pois o leitor espera total entendimento acerca das informações sugeridas pelo escritor.

O fenômeno da ambigüidade se dá intencionalmente por parte do autor do texto, pois a depender do contexto de uso, a interpretação do interlocutor acontecerá de forma extremamente relevante. Levando esse aspecto em consideração, como explicar para indivíduos Surdos, a existência do fenômeno da ambigüidade na língua portuguesa, já que sua língua natural é a Libras² e o Português sua segunda língua. Considera-se aqui, o sujeito Surdo que possui o domínio da modalidade escrita do Português.

Além das contribuições teórico-metodológicas, este trabalho busca auxiliar professores de língua portuguesa no aperfeiçoamento de sua prática docente, principalmente no que diz respeito ao processo de aprendizagem da leitura e da escrita de seus alunos, tanto ouvintes como surdos.

Reflexões Teóricas

Para direcionar o trabalho sobre ambigüidade semântica³, buscou-se preliminarmente, os pressupostos teóricos de alguns estudiosos que se preocuparam em entender e explicar como uma língua natural é adquirida por um ser humano bem como defini-la.

Na década de 40, acreditava-se que os estudos psicológicos não eram científicos, pois não eram baseados em estudos empíricos. A partir de tal concepção, originou-se o Behaviorismo ou Teoria do comportamento.

Com Skinner (1957), a linguagem⁴ passou a ser estudada apenas em termos do que poderia ser observado, rejeitando-se noções mentalistas como idéias ou significados. O termo

² Libras - Língua Brasileira de Sinais, oficializada através da Lei nº 4.857/2002, enquanto língua dos surdos brasileiros.

³ Semântica é a área da Linguística que estuda a natureza do significado individual das palavras e do agrupamento das palavras nas sentenças de uma língua.

*língua*⁵ foi descartado e passou a utilizar-se para tal, *comportamento verbal*. O aprendizado passou a ser concebido, então, como aquisição de comportamento, sob uma relação de estímulos e respostas.

Chomsky (1959) afirmou que a linguagem é produzida por processos mentais que são governados por princípios específicos e determinados geneticamente. Desse modo, Chomsky estabeleceu o *Inatismo* como sendo uma teoria para a aquisição da linguagem. Para o pesquisador (1988), o ser humano é capaz de distinguir se uma frase é bem construída e verificável em uma determinada língua sem que tenha tido uma experiência de mundo específica para tal, isto é, o indivíduo já é possuidor da faculdade para a linguagem e, portanto, é capaz de reconhecer as regras gramaticais da língua pertencente ao ambiente lingüístico no qual está inserido. Existiriam princípios universais na sua mente, os quais o levariam a uma gramática universal (GU) que determinaria a construção correta das expressões da língua. Assim, o ser humano seria capaz de satisfazer condições ambíguas em certas sentenças ou a construí-las de certa maneira e não de outra, isto é, regras de produção e compreensão de frases gramaticais.

As definições antes apresentadas se restringem ao estudo das línguas naturais oral-auditivas. Não obstante, é relevante constatar o estudo de pesquisas lingüísticas acerca de línguas de modalidade visuo-espacial.

A linguagem é um dos meios fundamentais pelo qual o homem adquire conhecimento de mundo. Ao se analisar a história dos surdos através dos tempos, nota-se que a visão que se tinha do indivíduo surdo é daquele como portador de deficiência auditiva, independentemente da abordagem utilizada. Até os anos 50, as pesquisas realizadas com surdos baseavam-se em avaliações psicométricas, cujos resultados acarretavam na idéia de que os surdos possuíam um menor nível intelectual e uma forma diferenciada de raciocinar em relação aos ouvintes.

No término dos anos 60 ocorreu uma modificação do pensamento acerca da linguagem e da cognição da criança surda. Com os estudos de Furth (1966) concluiu-se que a surdez não está necessariamente ligada à falta de inteligência, e que a competência cognitiva dos surdos é semelhante a dos ouvintes.

A partir da década de 80, novos conhecimentos a respeito da língua de sinais (LS) e processos cognitivos dos sujeitos surdos contribuíram para que o surdo fosse considerado como portador de uma cultura, uma língua e uma identidade própria.

⁴ O termo “linguagem” refere-se a uma capacidade genérica de atribuir significação a elementos.

⁵ O termo “língua” refere-se a um conjunto de regras pertencente a uma determinada comunidade.

Hoje, estudiosos de aquisição de linguagem por pessoas surdas ressaltam que toda criança surda deve se manter em um ambiente bilíngüe. Tal concepção sugere o uso tanto da língua de sinais quanto da oral (em sua modalidade escrita e quando possível em sua modalidade falada), pois dessa maneira, as crianças conseguiriam desenvolver melhor suas capacidades cognitivas, lingüísticas e sociais. Contudo, há uma resistência muito grande por parte da comunidade surda acerca dessa questão. De acordo com Saussure (1995), citando Whitney:

[...] para Whitney, que considera a língua uma instituição social da mesma espécie que todas as outras, é por acaso e por simples razões de comodidade que nos servimos do aparelho vocal como instrumento da língua; os homens poderiam também ter escolhido o gesto e empregar imagens visuais em lugar de imagens acústicas. (SAUSSURE, 1995, p.17)

O autor ainda menciona que “(...) a língua é uma convenção e a natureza do signo convencional é indiferente. A questão do aparelho vocal se revela, pois, secundária no problema da linguagem.” (SAUSSURE, 1995, p. 18)

Regina de Souza (1998) nota que o *sujeito* se estabelece com o *outro* pela linguagem através de um procedimento dialético,

[...] pressupor um “desenvolvimento linear do sujeito” demandaria que fosse postulada a imagem do “outro” como construtor absoluto do “eu”, desprovida de conflitos, sem história ou marcas ideológicas. Um outro poderoso (...). Pelo contrário, o *outro* é marcado pelo eco das vozes de muitos *outros*; ecos que fazem ressoar visões de mundo contraditórias (...). O *eu* está imerso no fluxo dessas contradições e se constitui com elas (...) não de modo passivo ou solitário. (SOUZA, 1998, p. 63)

A identidade de um indivíduo se constrói por meio da linguagem, essa se constitui a partir da relação do sujeito com outras vozes discursivas. Assim, como o ouvinte, o surdo necessita, o mais rápido possível, entrar em contato com a sua própria comunidade, pois os processos identificatórios de uma criança surda têm início preferencialmente, com a interação com outros surdos.

Moura *apud* Levy & Simonetti (1999) justifica o uso dos termos “surdo” e “Surdo”:

Quando uso “Surdo”, me refiro ao indivíduo que, tendo perda auditiva, não está sendo caracterizado pela sua “deficiência”, mas pela sua condição de pertencer a um grupo minoritário com direito a uma cultura própria e a ser respeitado na sua diferença. Quando da utilização de “surdo”, por sua vez, me refiro à condição audiológica de não ouvir”. (Moura, 1966, p.126)

Os estudos realizados na área da Lingüística⁶ têm se tornado ferramentas imprescindíveis para que a comunidade surda garanta o direito a uma abordagem bilíngüe na direção de seu processo educativo.

Grosjean (2001) salienta que uma proposta bilíngüe precisa levar os surdos a tornarem-se membros de ambas as culturas: surda e ouvinte. Eles precisam se identificar, pelo menos em parte, com a comunidade ouvinte, já que é quase sempre o grupo social de seus pais e familiares.

De acordo com Finau (2004),

[...] o bilingüismo de língua de sinais e oral é a única forma de dotar o surdo de instrumentos que lhe permitam interagir cedo com seus pais, desenvolver suas habilidades cognitivas, adquirir conhecimento de mundo, aprimorar a interação com a comunidade surda e ouvinte, promovendo o acultramento dentro de ambos os grupos sociais. Esse é o caminho para que o surdo tenha realmente linguagem. (FINAU, 2004, p. 220)

A língua de sinais e a língua portuguesa valem-se de canais distintos para a recepção e transmissão da linguagem. A Libras utiliza como canal ou meio de comunicação, movimentos gestuais e expressões faciais que são percebidos pela visão; o Português servi-se de sons articulados pela boca que são percebidos pelos ouvidos. As diferenças entre ambas as modalidades não estão somente na utilização de canais distintos, estão também nas estruturas gramaticais de cada língua. (Revista FENEIS, nº 2, p. 16).

Estudos científicos realizados na área da Lingüística já determinaram que a LS desempenha todas as funções de uma língua natural. Essa deve ser entendida como uma língua que foi criada e é utilizada por uma comunidade específica de usuários. Portanto, “qualquer língua pode ser considerada natural independentemente da modalidade que utilize”. (SÁ, 2006, p. 134)

Buscou-se também, fundamentação teórica acerca do estudo da ambigüidade. Para Ullmann (1964), a ambigüidade é ocasionada quando uma palavra produz dois ou mais

⁶ Lingüística é o estudo científico das línguas naturais e humanas.

sentidos em um mesmo contexto. Essas ambigüidades poderão ser desfeitas pelo contexto ou pela entonação da frase em um discurso.

Cabe ressaltar que o fenômeno da ambigüidade existe somente para o receptor da mensagem, ao passo que para seu emissor, a mensagem não é de forma alguma ambígua. O emissor da mensagem sabe exatamente qual é o seu referente, o seu conteúdo e o seu propósito; a interpretação do item lexical ou da frase emitida pelo destinatário é que ocasiona a ambigüidade. A ambigüidade pode atuar como um artifício estilístico, e ser intencional, em textos literários, poéticos, publicitários, fraseologias, provérbios, expressões idiomáticas etc. Nesses casos, a polissemia e a homonímia, as quais serão abordadas posteriormente, são fenômenos produtivos de jogos de palavras que enriquecem o conteúdo textual, revelando-se uma riqueza da expressão lingüística.

Cançado (2005) entende por ambigüidade “(...) o fenômeno semântico que aparece quando uma simples palavra ou grupo de palavras é associado a mais de um significado.” Esse só pode ser resolvido no contexto discursivo, ou seja, o contexto tem a função de selecionar qual dos possíveis sentidos será utilizado pelo interlocutor no momento de seu discurso. Quadros e Karnopp (2004) afirmam que a ambigüidade do significado pode ser apresentada em todos os níveis, seja da palavra, da frase e, do discurso.

Kempson (1980) propõe alguns testes para a distinção da ambigüidade. O primeiro consiste no uso da palavra *também*, como uma forma reduzida da sentença, evitando-se com isso, a repetição da mesma sentença. Se a primeira sentença tiver mais de uma interpretação, a segunda também deverá ter as mesmas interpretações da sentença antecedente. Outro teste se dá na relação entre cada uma das interpretações e seus respectivos sentidos, ou seja, a ambigüidade permite duas ou mais leituras para a mesma expressão lingüística.

Segundo Cançado (2005), a ambigüidade pode ser dividida em vários tipos: a lexical, a semântica, de escopo, a sintática, com atribuição de papéis temáticos e com construções com gerúndio. O presente trabalho irá se ater apenas aos dois primeiros tipos de ambigüidade.

Na ambigüidade lexical, a dupla interpretação incide somente sobre o item lexical, ou seja, se dá unicamente no nível da palavra. Esse tipo de ambigüidade pode ser gerada por dois tipos de fenômenos distintos: a homonímia e a polissemia. A primeira ocorre quando os sentidos de ambigüidade da palavra não são relacionados. Esse fenômeno pode ser dividido em dois grupos: as homógrafas, com formas graficamente idênticas, tendo funções e significados distintos e, as homófonas com grafia distinta e sons idênticos. A outra ocorre

quando os sentidos de ambigüidade da palavra têm relação entre si, ou seja, dois sentidos ou mais para a mesma palavra.

Para Ullmann (1964), a polissemia é um fenômeno que está naturalmente presente em uma língua natural; é um fator de economia e de flexibilidade para a eficiência desse mesmo sistema lingüístico. Não importa quantos significados tenha um dado item lexical: dada a influência do contexto, não haverá confusão entre eles, se a um certo significado for dado um determinado sentido somente numa situação precisa. A freqüência de uma palavra está relacionada com a sua polissemia. Com efeito, “quanto mais freqüente é uma palavra mais sentidos é possível que tenha”.

Chierchia (2003) ressalta que a ambigüidade semântica “é gerada pelo fato de os pronomes poderem ter diversos antecedentes no texto”, estando relacionada à correlacionalidade. As possíveis interpretações são atribuídas ao tipo de ligação entre os pronomes e a sentença.

De acordo com Benveniste (1982), os pronomes não constituem uma classe unitária, mas espécies diferentes de acordo com o modo de linguagem da qual eles são os signos, pertencendo uns à sintaxe da língua e outros ao que se convencionou chamar “ocorrências de discurso”, já que incluem além dos signos, aqueles que os utilizam. No âmbito dos pronomes, a ambigüidade se manifesta especificamente no emprego dos pronomes pessoais e possessivos.

A questão da ambigüidade semântica deve ser considerada a partir de uma problemática que tome o texto como ponto de partida, com seus mecanismos de coesão e de coerência, já que a falta de clareza pode implicar o não-texto.

Descrição e Análise

- Fuja do mico!

Editorial: Opinião (p. 10) do jornal Gazeta do Povo, de 02/10/07 – (ambigüidade lexical)

‘mico’

- referente ao pequeno animal (macaco)

- referente a uma situação vergonhosa

Têm-se duas possíveis interpretações para a frase acima: o interlocutor deve fugir de um pequeno animal, um macaco; o interlocutor deve fugir de uma situação vergonhosa. Levando em conta o conhecimento de mundo do interlocutor, fica subentendida a seguinte leitura: O sintagma ‘mico’ diz respeito ao fato de o interlocutor fugir de uma situação vergonhosa.

- Caderno de Turismo. Toda quinta-feira. Quem lê não perde a viagem

Editorial: Classificados (p. 08) do jornal Gazeta do Povo, de 14/10/07 – (ambigüidade lexical)

‘viagem’ - relativo ao deslocamento de um lugar para o outro
- relativo ao tempo

Têm-se duas possíveis interpretações para a frase acima: O interlocutor que lê a reportagem não perde o percurso de casa até a banca para comprar o jornal; o interlocutor que lê a reportagem não perde tempo em relação à compra do jornal. Levando em conta o conhecimento de mundo do interlocutor, fica subentendida a leitura da referida frase: O sintagma ‘viagem’ diz respeito ao fato de o interlocutor que lê a reportagem não perder tempo em relação à compra do jornal.

- Dissecando os faróis

Editorial: Paraná (p. 06 e 07) do jornal Gazeta do Povo, de 14/10/07 – (ambigüidade lexical)

‘Dissecando’ - no sentido de divisão metódica
- no sentido de uma análise minuciosa

‘faróis’ - referente ao sinal luminoso de trânsito
- referente à torre com foco de luz
- referente à biblioteca pública, comunitária
- referente à lanterna dianteira de um veículo

Têm-se oito possíveis interpretações para a frase acima: O interlocutor deve analisar minuciosamente um sinal luminoso de trânsito; o interlocutor deve analisar minuciosamente uma torre com foco de luz; o interlocutor deve analisar minuciosamente uma lanterna dianteira de um veículo; o interlocutor deve analisar minuciosamente uma biblioteca pública; o interlocutor deve dividir metodicamente um sinal luminoso de trânsito; o interlocutor deve dividir metodicamente uma torre com foco de luz; o interlocutor deve dividir metodicamente uma lanterna dianteira de um veículo; o interlocutor deve dividir metodicamente uma biblioteca pública. Levando em conta o conhecimento de mundo do interlocutor, fica subentendida a referida leitura da frase anterior: Os sintagmas ‘dissecando’ e ‘faróis’ dizem respeito ao fato de o interlocutor analisar minuciosamente uma biblioteca pública.

- Toda a loja sem entrada

Editorial: Mundo (p. 05) do jornal Gazeta do Povo, de 14/10/07 – (ambigüidade lexical)

‘entrada’ - no sentido de local por onde se entra e sai de algum lugar

- no sentido da forma de pagamento

Têm-se duas possíveis interpretações para a frase acima: Toda a loja sem um local onde o cliente possa sair ou entrar; toda a loja sem uma forma de pagamento. Levando em conta o conhecimento de mundo do interlocutor, fica subentendida a referida leitura: O sintagma ‘entrada’ diz respeito ao fato de toda a loja estar sujeita a uma determinada forma de pagamento.

- Tem Recreio na rede

Editorial: Contra Capa Final (p. 43) da revista Recreio de 13/02/03 – (ambigüidade lexical)

‘recreio’	- no sentido de intervalo escolar
	- no sentido de um tipo de revista infantil
‘rede’	- referente ao objeto usado pra pesca
	- referente ao leito oscilante
	- referente à internet

Têm-se seis possíveis interpretações para a frase acima: O intervalo escolar é realizado em uma rede de pesca; o intervalo escolar é realizado em um leito oscilante; o intervalo escolar é realizado via internet; um tipo de revista infantil relacionada a uma rede de pesca; um tipo de revista infantil relacionada a um leito oscilante; um tipo de revista infantil relacionada à internet. Levando em conta o conhecimento de mundo do interlocutor, subentende-se a referida leitura: Os sintagmas ‘recreio’ e ‘rede’ dizem respeito ao fato de o interlocutor ter acesso a um tipo de revista infantil via internet.

- Você está sempre ligado?

Editorial: Teste (p. 06) da revista Recreio de 27/05/04 – (ambigüidade lexical)

‘ligado’	- no sentido de acionar algo
	- no sentido de estar atento

Têm-se duas possíveis interpretações para a frase acima: O interlocutor deve estar atento a algo; o interlocutor deve estar acionado em algo. Levando em conta o conhecimento de mundo do interlocutor, subentende-se a leitura: O sintagma ‘ligado’ diz respeito ao fato de o interlocutor estar atendo a uma determinada situação.

- De patas pro ar?

Editorial: Cinema (p. 08) da revista Recreio de 11/03/04 – (ambigüidade lexical)

‘patas’	- referente à fêmea do pato
	- referente aos pés de um animal

- referente ao descanso de alguém

Têm-se três possíveis interpretações para a frase acima: há diversas fêmeas de pato voando no ar; há diversos pés de um determinado animal no ar; há uma determinada pessoa descansando com os pés para cima. Levando em conta o conhecimento de mundo do interlocutor, fica subentendida a referida leitura da frase anterior: O sintagma ‘patas’ diz respeito ao fato de uma determinada pessoa estar descansando com os pés para cima.

- Remédio na rede

Editorial: Cinema (p. 18) da revista Recreio de 11/03/04 – (ambigüidade lexical)

‘remédio’	- referente a medicamentos
	- referente a antídoto que combate doença, mal etc.
	- referente a solução/recurso
‘rede’	- referente ao objeto usado para pesca
	- referente ao leito oscilante
	- referente à internet

Têm-se seis possíveis interpretações para a frase acima: A existência de medicamentos em uma rede de pesca; a existência de medicamentos em um leito oscilante; a existência de medicamentos via internet; a existência de antídotos em uma rede de pesca; a existência de antídotos em um leito oscilante; a existência de antídotos via internet. Levando em conta o conhecimento de mundo do interlocutor, fica subentendida a referida leitura da frase anterior: Os sintagmas ‘remédio’ e ‘rede’ dizem respeito ao fato de a pessoa ter certo bem-estar ao acessar a internet.

- IBPEX. Em todo o Brasil construindo o seu futuro

Editorial: Classificados (p. 07) do jornal Gazeta do Povo de 14/10/07 – (ambigüidade semântica)

‘seu’	- referente à construção do futuro da IBPEX
	- referente à construção do futuro do interlocutor

Têm-se duas interpretações distintas da frase acima: Em todo o Brasil construindo o futuro do interlocutor; em todo o Brasil construindo o futuro da empresa IBPEX. Levando em conta o conhecimento de mundo do interlocutor, fica subentendido pela leitura da frase que o pronome possessivo ‘seu’ diz respeito à construção do futuro do interlocutor, na sentença, porém, o uso do pronome está ligado de modo anafórico tanto ao interlocutor quanto à IBPEX.

comprovando a hipótese que o referido trabalho se dispõe a confirmar - a intencionalidade de persuasão do emissor do discurso em determinados textos argumentativos.

Nota-se que a maior ocorrência de sentenças ambíguas na revista “Recreio” se dá na parte de “Cinema”. Portanto, o fenômeno da ambigüidade lexical é superior ao da ambigüidade semântica, a depender da intencionalidade de persuasão do emissor do discurso. Observa-se que a incidência do fenômeno da ambigüidade semântica não ocorre em textos destinados ao público infantil.

Considerações Finais

Viu-se que o fenômeno da ambigüidade pode ser causado de maneira automática, na medida em que o emissor de um discurso não tem consciência de estar produzindo um texto ambíguo. Ao contrário, observou-se que a anfibologia⁷ pode ser intencional, quando usada como artifício lingüístico para o enriquecimento de contextos especiais.

Além disso, a ambigüidade é causada pelas diferentes leituras realizadas pelo interlocutor, o que as determinará será o contexto discursivo o qual locutor e interlocutor estão inseridos. Importa, então, ressaltar o caráter dialógico da ambigüidade, ou seja, a ambigüidade se instaura sempre no interlocutor. Em outras palavras, ela só existe para o outro, já que, quando se produz algum texto, quando se interage, sabe-se o que se pretende dizer, transmitir. O outro, o interlocutor é que pode não atingir, não perceber a intenção, o propósito do discurso do emissor.

Verificou-se nos exemplos retirados dos textos de base argumentativa, que dificilmente se conseguiria estabelecer as fronteiras de um estudo da ambigüidade somente de acordo com a ótica da Semântica, seria necessário o conhecimento pragmático⁸, ou seja, o contexto em que o discurso é constituído pelos sujeitos envolvidos.

Com base nos textos analisados, entende-se que, a depender do público o qual o documento é destinado, o fenômeno da ambigüidade pode ocorrer ou não. No caso dos exemplos retirados da revista “Recreio”, destinada ao público infantil, constatou-se que o fenômeno da ambigüidade acontece, entretanto, não é intencional por parte do autor, pois a criança não tem um conhecimento de mundo amplo para compreender uma construção

⁷ Anfibologia, também conhecida como ambigüidade.

⁸ Pragmática é a área da Lingüística que estuda as relações entre a linguagem e o contexto de uso.

ambígua. Na maioria das vezes, as crianças não percebem algumas ambigüidades pelo fato de determinadas expressões já terem sido incorporadas ao léxico do indivíduo: surdo e ouvinte.

Já os textos destinados ao público adulto, como o jornal “Gazeta do Povo”, a maior incidência de sentenças ambíguas se deu na parte de Classificados, pelo motivo de o autor do discurso pretender convencer o seu interlocutor a qualquer custo.

Percebeu-se que o uso de sinais pelo indivíduo surdo facilita a sua comunicação e enriquece suas trocas com o meio, ampliando seus conhecimentos, pois permite a ele colocar suas idéias e suas opiniões, assim como depará-las com idéias e opiniões diferentes. Com a linguagem, o sujeito dá significação as suas ações.

Notou-se também, que por não possuírem um conhecimento de mundo muito vasto, muitas vezes, o fenômeno da ambigüidade presente na língua portuguesa não é percebido e conseqüentemente compreendido por indivíduos surdos. Por esse motivo, se faz necessário o conhecimento, mesmo que superficial, da modalidade (leitura e escrita) da língua vigente – o Português.

O presente estudo possibilitou a comprovação da existência do fenômeno da ambigüidade em textos direcionados a diferentes tipos de leitores (adultos e crianças), além das conseqüências em relação à interpretação de seus interlocutores (ouvintes e surdos), já que o leitor espera total entendimento acerca das informações sugeridas pelo escritor dos textos. O fenômeno da ambigüidade se dá na maioria das vezes intencionalmente por parte do autor do texto, pois a depender do contexto de uso, a interpretação do interlocutor acontecerá de forma extremamente relevante.

Observou-se que no uso diário da língua, o indivíduo convive com os mais diversos tipos de ambigüidades. Pode-se acrescentar que, de certo modo, a ambigüidade aguça a curiosidade dos leitores, funcionando, assim, como uma estratégia para atrair a atenção do leitor, a fim de que ele perceba o humor e a ironia que estão explícitos ou implícitos em construção com tal fenômeno.

Atualmente, o ser humano é levado a trabalhar e considerar a ambigüidade mais como um recurso polissêmico da língua em uso, do que em seu aspecto de vício de linguagem, tópico tão fortemente caracterizado pela gramática tradicional. Com essa colocação não se quer negar a existência de construções ambíguas geradas por inexperiência do usuário da língua, e sim, ressaltar que este pode ser considerado um fenômeno produtivo que objetiva explorar a dinamicidade da língua em uso.

REFERÊNCIAS

- BENVENISTE, Emile. **A natureza dos pronomes**. In: DASCAL, Marcelo (org.) **Fundamentos metodológicos da lingüística**. Campinas: Ed. do Autor, 1982.
- CANÇADO, Márcia. **Manual de semântica: noções básicas e exercícios**. São Paulo: UFMG, 2005.
- CHIERCHIA, Gennaro. **Semântica**. Campinas, São Paulo: Unicamp, 2003.
- CHOMSKY, Noam. **A Review of B. F. Skinner's Verbal Behavior**. *s.l.* Language, 1959.
- _____. **Language and Problems of Knowledge**. *s.l.* The MIT Press, 1988.
- FINAU, Rossana A. **Possíveis encontros entre cultura surda, ensino e lingüística**. In: QUADROS, Ronice Muller de (org.) *Estudos Surdos I: Parte B*. Petrópolis: Arara Azul, 2006.
- FURTH, H. G. **Thinking without language: psychological implications of deafness**. London, Collier – Macmillan, 1966.
- GROSJEAN, F. **The right of the deaf child to grow up bilingual**. In: *Sign language studies*, Washinton: Gallaudet University Press, V I, N. II, Winter, 2001.
- Jornal **Gazeta do Povo**. Curitiba: Gazeta do Povo, 2007.
- KEMPSON, Ruth M. **Teoria Semântica**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980.
- LEVY, Cilmara C. A. da Costa; SIMONETTI, Patrícia. **O surdo em Si Maior**. São Paulo: Roca, 1999.
- QUADROS, Ronice Muller de.; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de sinais brasileira: estudos lingüísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- Revista **Feneis**. Número 2, p. 16. Rio de Janeiro, 1999.
- _____. **Recreio**. São Paulo: Abril, 2003.
- _____. **Recreio**. São Paulo: Abril, 2004.
- SÁ, Nídia R. L. de. **Cultura, poder e educação de surdos**. São Paulo: Paulinas, 2006.
- SAUSSURE, F. de. **Curso de lingüística geral**. 20 ed. São Paulo: Cultrix, 1995.
- SKINNER, B. F. **Verbal Behavior**. Nova York: Appleton-Century-Crofts, 1957.
- SOUZA, R. M. **Língua de sinais e língua majoritária como produto de trabalho discursivo**. In: **Cadernos CEDES**. São Paulo, 46, 57-67, 1998.

ULLMANN, S. **Semântica: uma introdução à ciência do significado.** Tradução de J. A., 1964.